

Os Desafios da Masculinidade: uma análise discursiva do gênero masculino a partir da obra *As Velhas* de Adonias Filho

Milena Santos de Jesus¹

Resumo

Trata-se de um estudo a respeito das transformações do gênero masculino a partir da perspectiva da masculinidade como um produto de uma construção sociocultural. Para tanto, teremos como objeto de estudo a obra de Adonias Filho, *As Velhas*. Dessa maneira, procuraremos detectar se a identidade masculina se apresenta como *status* dominante ou se já encontramos um rompimento das representações tradicionais de masculinidade. Assim, por meio a personagem Tonho Beré será analisado a formação ideológica de uma identidade masculina no literário de Adonias Filho, através da pontuação dos elementos que caracterizam o discurso masculino, como novo, dentro do contexto social da região sul da Bahia. As bases teóricas serão os da Análise do Discurso, de orientação francesa, com as teorias de FOUCAULT (1998), BADINTER (1993) e dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: *Iniciação; Masculinidade; Memória Discursiva; Heterogeneidade; Gênero.*

I. Introdução

Nesse trabalho busco analisar a masculinidade como um processo decorrente de uma formação histórica e social. Tendo como objeto de análise a personagem masculina Tonho Beré da obra de Adonias Filho *As Velhas*. Logo, procuro observar se a mesma já apresenta transformação no modelo tradicional de masculinidade. Além disso, serão observados os fatores históricos responsáveis pelas mudanças nos padrões tradicionais masculinos e seus reflexos na construção da identidade do homem. Com isso tento

¹ Discente do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, orientanda da professora Msc. Sylvia Maria Campos Teixeira. E-mail: jsmyllena@yahoo.com.

compreender como estão estruturadas as relações de gênero na contemporaneidade. Assim, busco analisar se as transformações sociais isentam os homens das responsabilidades trazidas pela “dominação masculina” e as possíveis contribuições das mulheres para desarticular o modelo de ser “macho Divinizado”.

No âmbito da contemporaneidade a temática masculinidade tem despertado debates, sem dúvida, a atual sociedade levanta questionamentos a respeito desse gênero que foi tido por muito tempo como símbolo de hegemonia e dominação no imaginário do Ocidente. É imprescindível notarmos que a masculinidade é uma construção de gênese social, na qual os sujeitos reproduzem os valores e comportamentos de determinado período, para Badinter (1993), o homem do final do século XX não sabe se definir. Nesse sentido, a pós-modernidade, ao mesmo tempo em que indaga o padrão tradicional de identidade masculina, oferece aos agentes a possibilidade de viver novas maneiras de ser homem.

Oliveira (2004) evidencia que o homem pode ser conduzido a uma crise de identidade de masculinidade. “As transformações em curso tem dado azo a uma série de mudanças que altera a correlação de forças entre o masculino e o feminino, mas seria, ainda assim, temerário pensar que isso se configura de fato numa crise de poder masculino” (Oliveira, 2004:199). Além disso, Badinter admite que ao questionar sua identidade na sociedade as mulheres acabam por desestabilizar a masculinidade. A problemática da identidade masculina começa a ser discutida a partir da década de 70, período o qual também é marcado pelo fato das mulheres procurarem redefinir sua identidade frente às imposições sociais. Com isso, percebe-se a existência de uma dialética entre o masculino e o feminino já que a identidade do sujeito masculino na sociedade começa a ser questionada a partir da mudança de postura do gênero feminino. Dessa forma, a masculinidade apresenta-se intimamente relacionada com a feminilidade sendo que a última funciona como modelo contrário, a ser seguido pelo ideal de virilidade masculino.

Stoller apud Badinter esclarece “Masculinidade e feminilidade são construções relacionais [...] ninguém pode compreender a construção social da masculinidade ou da feminilidade sem referência ao outro” (Stoller apud Badinter, 1993: 11). Ademais, Oliveira (2004) pontua que na pós-modernidade é apresentado um rompimento dos padrões tradicionais de virilidade masculina decorrentes de fatores como o capitalismo, a AIDS e o feminismo os quais contribuíram para uma releitura do universo masculino: “A pós-modernidade é marcada pelo pluralismo das normas, [...] Estes fatos não deixam de ter

relevância para os ideais masculinos, pois não resta dúvida que eles também passaram também a ser questionados...” (Oliveira, 2004: 116).

Nesse sentido, é observado que sendo a masculinidade uma determinação social a crise é estabelecida com a quebra de papéis sociais já que a pós-modernidade oferece aos homens inúmeras formas de serem homens. Explicar a masculinidade na pós-modernidade significar ressaltar os privilégios que os homens tiveram, até início dos estudos críticos de gênero, de ser o “sexo forte”, e detentor de poder e hegemonia nas relações sociais. Bourdieu *apud* Badinter (1993) evidencia que “ser homem é estar instalado, de saída, numa posição que implica poderes” (Bourdieu *apud* Badinter, 1993: 6). O masculino então é construído a partir das relações culturalmente estabelecidas pela sociedade, o modelo ideal de masculinidade perpassa a configuração genética dos sexos se estabelecendo como um padrão ideologicamente social. Ainda segundo Badinter, “Ser homem ou mulher antes de tudo uma hierarquia, um lugar na sociedade, um papel cultural, e não um ser biologicamente oposto ao outro” (Badinter, 1993: 8). Entretanto, não pode ser negligenciado que a diferença entre os sexos também contribui para se estabelecer a condição de “macho masculinizado”.

Certamente, é fato que a masculinidade atua nos campos discursivos como uma estrutura de poder, formadora da psique dos agentes. Nesse contexto, a masculinidade possui uma formação histórica, ideológica e identitária que fundamenta valores, antecipa comportamentos e certos tipos estéticos. Dessa maneira, funciona como uma lei que subjetiva os agentes. Oliveira (2004) expõe que “As disposições masculinas incutidas desde a infância e reiteradas durante toda a vida, [...], prendem-se às idéias mais comuns acerca do comportamento masculino autêntico” (Oliveira, 2004: 273). A masculinidade assim pode ser entendida como uma construção do social e que constitui um lugar simbólico/imaginário. Logo a masculinidade é uma construção vinculada aos padrões sociais de uma época.

II- A construção da identidade masculina como um fator social

No âmbito genético, o sexo masculino é simbolicamente representado por XY que se estabelece como uma condição científica primária para ser homem. Entretanto, numa visão construtivista o tornar-se masculino envolve um caminho que abrange aspectos sociais, psicológicos e culturais. Dessa maneira, a formação do discurso comportamental do homem resulta da elaboração de todo um conjunto cultural que lhe fornece pressupostos

de comportamento. Assim o sujeito da enunciação é construído por meio de uma memória discursiva que lhe permite formar uma identidade com base em uma vontade de verdade institucionalizada. Segundo Foucault (1997), a vontade de verdade se torna intrínseca ao sujeito “... Como se a vontade de verdade e as suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade na sua explicação necessária.” (Foucault 1997: 19). Nesse contexto, a masculinidade foi tida por muito tempo como um aspecto natural resultante das diferenças sexuais as quais também serviam para afirmar a hegemonia masculina com estereótipos do tipo “o sexo forte”. Badinter pontua que “Durante muito tempo acreditou-se que era um estado primário e natural. Na verdade a masculinidade é secundária, adquirida...” (Badinter 1993:35), compreende-se então que os indivíduos são inseridos no discurso masculino por meio de ideologias circulantes na sociedade. Por certo, a masculinidade, em quanto lugar simbólico construído por meio das vivências cultivadas no social, permite por meio do comportamento dos agentes a reprodução e manutenção de seu prestígio. Dessa maneira, a construção social dos agentes é resultante de um longo processo de socialização na qual a memória discursiva dos agentes permite moldar padrões comportamentais e fundamentais valores.

A masculinidade como construção do social é reproduzida pelos sujeitos como senhores absolutos do discurso, os quais ao enunciarem frases como “homem não chora” não observa a heterogeneidade de seu enunciado. Segundo Maingueneau (1997) “O sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja como deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação”.(Maingueneau, 1997:86). Nesse contexto, o sujeito constrói o discurso por meio do uso de formações discursivas já existentes na sociedade as quais são alternadas de modo a ganharem sentido de novas, mas que tem em se toda uma ideologia pré-concebida com isso o masculino obedece a uma ordem discursiva legitimada pela sociedade, na qual o sujeito é autorizado a transmitir seu discurso. Ademais, Foucault (1997), observa que toda sociedade organiza, seleciona e reproduz a produção do discurso no mais, na área da sexualidade esse não se caracteriza como neutro, pois, os interditos que fazem parte dele supõe a luta pelo o desejo e o poder. Nesse sentido, o discurso masculino é um exercício ligado ao poder no qual os sujeitos ao reproduzi-los se apropriam de supostas verdades que lhes beneficiam.

(...) são as regiões da sexualidade e...: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e..., é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas

regiões exercem, de maneira privilegiada, algumas dos seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam longe, rapidamente sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 1998: 9-10).

Além disso, o modelo de supremacia absoluta do masculino vigorou na sociedade ocidental de maneira inquestionável durante muito tempo, aspecto que sofreu alteração a partir dos estudos críticos de gênero. Entender a construção social masculina implica a princípio observar as relações binárias de poder entre homens e mulheres. Por certo, a teoria desconstrucionista de Derrida contribui para a releitura na relação de gênero. Assim, na ótica derridariana as oposições que caracterizavam o masculino e o feminino é uma construção ideológica. Eagleton (1997:183) deixa claro o pensamento de Derrida a respeito do gênero:

A mulher não é apenas um outro ser, no sentido de alguma coisa fora do seu alcance, mas um outro intimamente relacionado com ele, a imagem daquilo que ele é. Assim, o homem precisa desse outro, mesmo que o despreze, e é obrigado a dar uma identidade positiva àquilo que considerava como não-coisa como nada.

Logo, a construção do masculino em uma visão derridariana é formada a partir da colocação do homem como resultado de uma formação ideológica social na qual a mulher torna-se referência do que o “macho viril” não pode representar. Dessa maneira, a teoria derridariana contribui para a desconstrução das oposições vigentes a respeito do gênero no qual a mulher representaria a delicadeza, a fragilidade e a insegurança, noutra posição o homem guardaria em si a força, o progresso e a ordem.

Sem dúvida, a posição foucaultiana pode ser integrada a uma visão construtivista dos gêneros já que tanto o masculino quanto o feminino adquirem legitimidade por meio das formações discursivas intrínsecas de cada um. Assim, esse posicionamento foucaultiano pode ser melhor compreendido a partir de Badinter que ao explicar o gênero masculino na perspectiva construtivista esclarece “a masculinidade não é uma essência, mas uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina” (Badinter,1993:27). Por certo enquanto prática construtivista a masculinidade é resultado de um conjunto discursivo legitimado e instituído na vontade de verdade dos indivíduos.

Nesse contexto, a masculinidade reflete e refrata as características vigorantes na sociedade. Dessa maneira, a masculinidade só se torna compreensiva quando analisada juntamente com outros valores sociais constituindo-se como um sistema simbólico pautado

em importantes aspectos sociais. Sem dúvida, alguns aspectos históricos contribuíram para a formação do ideal masculino moderno, destacam-se, nesse processo formador das características masculinas, os ideais burgueses baseados na valorização do metódico racional. Com isso, o modelo ideal masculino recebe influências da formação do Estado nacional moderno e da criação de instituições como o exército, que servia para reafirmar a brutalização e a disciplina. Dessa forma, o ideal de masculinidade projetava as concepções ideológicas da classe burguesa nos quais estavam reunidos as características de força, disciplina, responsabilidade, iniciativa e autocontrole. É herança dessa etapa a constituição da família patriarcal. No âmbito da família burguesa a figura paterna tornou-se inquestionável e serviria como modelo ideal de virilidade masculina. Com isso, o patriarcalismo legitimava a hegemonia masculina e servia como maneira de manter a ordem social.

A família nuclear, que fora cristalizada enquanto 'instituição sagrada', no período moderno foi considerada [...] herdeira da necessidade política da constituição do privado [...] a partir daí, a organização pai-mãe-filho passa a ser naturalizada como o lugar originário, por excelência, da constituição do sujeito (ARÁN, 2003: 401).

Nessa perspectiva, a masculinidade entraria a modernidade como *status* dominante com a função de suavizar o ritmo de aceleração industrial e manter as tradições. Com isso, no término do século XIX e início do século XX os papéis masculinos e femininos estavam definidos em pares dicotômicos, nos quais a mulher representaria o “sexo fraco”. Noutra posição o homem era representado como “sexo forte”

O processo de industrialização, a partir da Revolução Industrial, proporciona o crescimento do capitalismo que, por sua vez, alteraria as relações socioculturais. Nesse novo modelo econômico, o homem perde a posição de supremacia enquanto lugar simbólico/imaginário, o modelo do soldado/trabalhador, pregado no ideal moderno, foi substituído pela primazia do consumidor, no mais as palavras que irão vicejar na sociedade pós-moderna são cultura e consumo que representam o triunfo do capitalismo. Ademais, a valorização do mercado na pós-modernidade permite que os modelos que se opunham aos ideais masculinos hegemônicos encontrem espaço para a manifestação. Dessa maneira, o feminismo e o movimento *gay* encontram representatividade no capitalismo que, na busca da expansão e do aumento econômico, não contempla somente o ideal masculino de virilidade heterossexual. A maior autonomia financeira conseguida pelas mulheres nesse novo modelo contribui para o declínio do patriarcalismo, soma-se a essa mudança, a

multiculturalização que torna os modelos de identidade mais flexíveis. Nesse contexto, os padrões comportamentais instituídos pelo regime de transformações socioestruturais afetam as relações dos gêneros, o sujeito masculino então passa a ser modulado perdendo seu ideal de machão puro, durão e pouco expressivo.

Sem dúvida, a pós-modernidade questiona o poder instituído ao gênero masculino, tais indagações permitem as reformulações comportamentais as quais proporcionam crises de identidade. Bly (1991:1) em sua obra *João de Ferro* afirma que:

Vivemos hoje um momento importante e frutífero, pois é evidente que as imagens da masculinidade adulta proporcionadas pela cultura popular, estão desgastadas, e não podemos mais confiar nelas. O homem, ao chegar aos 35 anos, sabe que as imagens de adequação, dureza e veracidade masculinas, recebidas na escola secundária, já não funcionam na vida. Ele está aberto às novas visões do que o homem é, ou podia ser.

O discurso a respeito da crise do gênero masculino não é novo, pois durante o século XVIII, na França e Inglaterra, já se encontrava uma possível reformulação dos valores masculinos em alguns agentes. Na transição do século XIX para o século XX, o crescimento dos movimentos *gay* e feminista desperta temores nos conservadores em relação ao comportamento masculino. Nos anos 70, nos EUA e na Europa, surgem grupos interessados em caracterizar e resolver os possíveis indícios de uma crise masculina. Nesse contexto surgem os *men's movements* comprometidos em despertar a consciência masculina para a influência social na reformulação do comportamento masculino. Nesse período, os homens começam a reformular suas posturas comportamentais a partir das novas posturas assumidas dentro da sociedade pelo movimento *gay* e feminista. Oliveira (2004:145-146) expõe que

A partir das lutas travadas em torno das novas “políticas de identidade”, das quais fazem parte o feminismo e o movimento *gay*, os homens passam também a investigar a identidade masculina, o que suscitou um outro contexto de debates de importância fundamental para as discussões acerca da masculinidade, (...) (OLIVEIRA, 2004:145-146).

III- A identidade masculina e suas implicações com o literário:

A obra *As Velhas* de Adonias Filho narra a história de quatro matriarcas: Tari Januária, Zefa Cinco, Lina de Todos e Zonga que após viverem sob a égide de seus companheiros conseguem ter representação frente às suas famílias. O ethos das personagens no discurso adoniano adquire legitimidade, pois essas se apropriam de enunciados que as caracterizam. Segundo Maingueneau (1997) “o próprio espaço de

enunciação, longe de ser um simples suporte contingente, um ‘quadro’ exterior ao discurso, supõe a presença de um *grupo específico* sociologicamente caracterizável”, [...] (Maingueneau, 1997:54), a obra torna claro o discurso de cada grupo social, o que permite a elaboração do discurso adoniano por meio dos *ethos* dessas mulheres que representam arquétipos regionais. O *ethos* na perspectiva de Maingueneau (1997) pode ser entendido “muito grosseiramente como de uma “voz”. [...]. A eficácia deste “*ethé*” se origina no fato de que eles atravessam, carregam o conjunto da enunciação sem jamais explicarem sua função. ”(Maingueneau, 1997:45), com isso as enunciações se organizam de modo a tornarem evidentes as formações discursivas contidas em cada discurso. Nesse contexto, uma formação discursiva

“é constituída por um sistema de paráfrase, isto é, é um espaço em que os enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade. A essa noção, Orlandi (1984) contrapõe uma outra: a de polissemia, atribuindo a esses conceitos opositivos o papel de mecanismos básicos do funcionamento discursivo. Enquanto, a paráfrase é um mecanismo de “fechamento”, de “delimitação” das fronteiras, de uma formação discursiva, a polissemia rompe essas fronteiras, “embaralhando” os limites entre diferentes formações discursivas, instalando a pluralidade, a multiplicidade de sentidos;” (BRANDÃO, 2006:48.).

A noção de formação discursiva ao mesmo tempo em que delimita o que pode ser dito pelo sujeito funcionado como paráfrase; é heterogênea, pois sede espaço para que o discurso construído seja permeado de inúmeras outras formações conferindo-lhe um caráter polissêmico. Além disso, as formações discursivas das personagens “aparece como uma zona onde se manifestam com alguma perturbação as aspirações da classe que seria seu suporte. Trata-se, então, de definir uma relação entre o “eu” implícito desta classe e os lugares de enunciação presumidos pelo discurso. ”(Maingueneau, 1997: 54), as enunciações se relacionam as regras históricas que caracterizam uma determinada época e uma área social. Entretanto, as FD devem ser entendidas como um ambiente de interdiscursividade na qual os sujeitos exercem representações espontâneas. Ela mostra-se aberta e instável com isso não representam a “visão de mundo” estática de um único grupo social, mas possui um caráter heterogêneo no qual elas realizam um interdiscurso entre si. Na obra a formação discursiva da negra Zonga nos remete a construção de um discurso que aborda aspectos da escravidão como pode ser evidenciado no seguinte fragmento “Capitão-do-mato, perseguidor de escravos fugidos, ruim como a peste”. (Adonias Filho, 1970:70). É acrescentada também a narrativa, a voz de Tari Januária que problematiza o discurso

indígena na formação da sociedade sul - baiana “Ela Tari Januária, misturava as línguas. E por isso quando contava o caso não dizia. Dizia pirá.” (Adonias Filho, 1970:18).

No mais é observado o discurso da mulher enquanto objeto sexual na personagem Lina de Todos “[...] conheceram Lina de Todos naquele minuto e sua fama começou naquela tarde [...] E vendo os homens excitados em frente, cada um dando o que pedisse para apertá-la nos braços, soube que podia usar eles como quisesse...” (Adonias Filho, 1970: 102). Noutra perspectiva, a personagem Zefa Cinco é a que mais apresenta características de igualdade com o gênero masculino “se Deus fez, o diabo juntou Chico Paturi e Zefa Cinco. Unha e carne de tão agarrados, duros na labuta, fizeram um pouco de tudo” (*Idem*, p. 49). Soma-se a esses arquétipos sociais o discurso do desbravador associado ao plantio do cacau “Ficou homem derrubando um pedaço de selva, plantando banana e cacau, construindo casa e barçaça [...]” (*Idem*, p.39). Assim, *As Velhas* apresentam um discurso heterogêneo resultante da justaposição das várias formações discursivas apresentada por cada personagem. Sem dúvida, a heterogeneidade só torna-se pertinente devido ao fato do texto não ser apenas um simples depósito de informações mais uma rede continua onde as formações discursivas interagem. Logo, Maingueneau (1997:91) deixa claro que

“(...) o texto não é um estoque inerte que basta segmentar para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva”.

A narrativa tem como foco a busca de Tonho Beré pelos ossos de Pedro Cobra que na obra é pai do mesmo e foi assinado quando este ainda era criança. Ademais, o tempo do discurso narrado não possui um caráter cronológico linear, mas promove digressões. Com isso, a unidade temporal é desenvolvida de modo que tanto a progressão do discurso quanto o recuo são de extrema importância para o desenvolvimento da memória dos agentes, que é constantemente invadida por ações passadas. Dessa maneira, o processo de digressão permite que Tonho Beré ao buscar os ossos do pai também alcance os ideais de virilidade e de identidade masculina. Essa procura é direcionada pelo *ethos* feminino, entretanto ao expor os relatos femininos, o *ethos* do discurso deixa transparecer os comportamentos masculinos. Nesse sentido, a obra relata os arquétipos masculinos a partir da memória discursiva dos sujeitos femininos. A memória discursiva permite a análise das formações discursivas as quais não estão associadas à postura do sujeito enquanto

participante da história Maingueneau (1997) pontua que “(...) toda formação discursiva é associada uma memória discursiva, construída de formulações que se repetem, recusam e transformam outras formulações. “Memória” não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história.”. (Maingueneau, 1997:115). O sujeito com isso faz uso de uma memória discursiva que esta relacionada ao caráter interdiscursivo que cada formação discursiva traz em se. A postura interdiscursiva relacionada à formação discursiva ainda na perspectiva de Maingueneau (1997) presume que, o interdiscurso permite a reconfiguração incessante no qual a formação discursiva assume para si elementos pré-construídos fora dela, o que provoca sua reestruturação e redirecionamento, incorporando para si elementos os quais são tidos como seus, permitindo organizar sua repetição. Entretanto essa postura também provoca o apagamento, o esquecimento ou mesmo a degeneração de determinados elementos. Dessa maneira, as formações discursivas presentes em *As Velhas* constroem um discurso o qual reflete conflitos e homens típicos de uma determinada realidade social na qual o cacau já se mostra como um modelo econômico.

Segundo Cardoso (2006), na narrativa adoniana “O cacau é um pretexto para enfocar a modernidade como o verdadeiro problema do texto” (Cardoso, 2006:50), no discurso adoniano o desbravamento da mata para o plantio do cacau é um intensificador das relações humanas e proporciona a despersonalização do homem. Nesse sentido, a busca pelos ossos do pai simboliza o encontro com a identidade masculina perdida em uma sociedade moderna e pós-moderna. Para Hall (2005) as antigas identidades que fundamentavam o mundo social estão em declínio o que permite a construção de um sujeito moderno e pós-moderno com a identidade fragmentada, “pluralizada”. Assim o cacau na obra é o que permite a mudança na identidade do sujeito “Não, ninguém cuidava mais das peles! O sol, nosso uaraci, podia faltar semanas seguidas porque chuva e cacau se casavam” (Adonias Filho, 1977:23).

Além disso, essa procura caracteriza a reiteração do ideal de virilidade “- E para quê, mãe? [...]. – Que filho não seria valente com o osso dele na mão?” (Adonias Filho, 1977:125) e não se restringe apenas ao *ethos* de Tonho Beré, mas faz referência ao processo de declínio do gênero enquanto sexo forte. Tendo em vista que o século XX período em que está inserida a obra adoniana reflete a solidão e a fragilidade do indivíduo proporcionados por elementos modernos tais como o capitalismo, o movimento *gay* e o feminismo. Na perspectiva de Maingueneau (1997) “O conjunto de enunciados constitui o

arquivo de uma época. Este conjunto não é a coleção de um espaço homogêneo (...), de tudo que foi dito, de tudo o que se diz, mas um conjunto de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas heterogêneas irreduzíveis” (MAINGUENEAU, 1997:116), nessa condição a heterogeneidade do discurso adoniano permite que a obra ultrapasse o regionalismo e adquira uma proporção universal, pois a partir das diversas formações discursivas constrói um interdiscurso no qual, o homem representado no *ethos* de Tonho Beré busca construir e identificar seu espaço de macho que é constantemente invadido pela modernidade. Segundo Hall (2005:13) o sujeito pós-moderno é:

(...) conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Nesse sentido, o homem enquanto integrante da modernidade na obra *As Velhas* vivencia dramas que apontam para o coletivo e a perda da identidade. Dessa maneira, o elemento histórico objetivo representante da modernidade na obra *As Velhas* é o desbravamento da mata e os conflitos étnicos que envolvem índios, brancos e negros. Cardoso (2006:66) afirma que

(...) Do processo de ocupação dos espaços do sul da Bahia fizeram parte dos conflitos com os indígenas que eram antigos habitantes da região. Esses conflitos causaram a morte em mais de um sentido. Varias tribos foram dizimadas e os índios sobreviventes passaram pela morte de sua cultura e de sua língua para adequar-se ao mundo cultural do dominador.

Essa postura torna-se evidente no contato que a personagem Tari Januária tem com Pedro Cobra “Me lembro da labuta dele, Pedro Cobra, para ensinar as coisas dos brancos. [...] me ensinou a comer sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle e não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto de jenipapo”. (Adonias Filho, 1977: 20) dessa forma a obra trabalha com uma intensa identificação cultural, Araújo (1999) deixa claro que “igualmente, na obra adoniana, o forte apelo à identidade cultural e subsequente luta pela preservação do território” (Araújo, 1999:17). Dessa maneira, é observada a construção de um discurso polifônico no qual o *ethos* das personagens deixa transparecerem as novas concepções de gênero e dos Estudos Culturais. Essa tendência é confirmada a partir da própria construção da obra na qual as ações masculinas são direcionadas por mulheres que, mesmo convivendo em uma sociedade de modelos arquivadores, conseguiram se destacar.

Na obra *As Velhas* a valorização do trágico surge como um aspecto moderno, já que para provar a virilidade o homem faz uso da brutalidade, da exploração das mulheres e de reações agressivas. Nesse sentido, a morte do pai de Tonho Beré e a jornada do mesmo para a recuperação dos ossos passam a existir como modo de representação do detrimento da identidade do homem frente às novidades modernas. Nesse contexto, o autor apresenta uma contra-ideologia aos princípios modernos, a qual pode ser fundamentada no conceito de ideologia de Debray *apud* Maingueneau:

(...) a ideologia, ao contrário do que se crê, não ocorre na esfera das idéias; assim, em lugar de questionar como agem as idéias sobre as coisas ou como as formas de consciência social interagem com as formas materiais sociais, poder-se-ia começar por indagar se a relação de um 'pensamento' com um sistema de forças não está implicada pela e dada com a produção deste pensamento mesmo, enquanto produção de uma força própria: (...) (MAINGUENEAU, 1997:59).

Ao adotarmos essa postura de ideologia verificamos que a obra é consequência de uma formação discursiva social vigente em uma época. Nesse sentido, o *ethos* discursivo sugere como solução contra a perda da identidade proporcionada por elementos pós-modernos a introspecção do homem, concretizado na obra por meio de uma jornada pela mata.

A saída da personagem Tonho Beré da presença da mãe em busca dos ossos do pai pode ser tomada como um ritual de iniciação que tem a virilidade como principal objetivo a ser alcançado, com isso é observado à construção de um caminho iniciático para que a este se torne "homem de verdade". Bly (1991) atribui grande importância aos rituais de iniciação tendo em vista que o homem moderno não sabe se definir e ao chegar aos 35 anos suas imagens de virilidade estão desgastadas. A perspectiva de Bly torna-se mais clara ao adotarmos a visão de Hall (2005) para o qual as sociedades modernas a partir do final do século XX passam por um processo de transformação o qual fragmentou a cultura de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade as quais forneciam no passado a base para a construção individual do sujeito. Nessa postura os sujeitos têm suas identidades pessoais alteradas promovendo a descentralização do indivíduo tanto na cultura tanto no social. Sem dúvida, podemos encontrar tal perspectiva em *As Velhas* visto que a idade de Tonho Beré dentro do *ethos* discursivo se encontra nessa faixa etária estimada por Bly "Tonho Beré com Trinta anos de Idade" (Adonias Filho, 1977:21).

Entretanto, o mentor, figura imprescindível no processo de iniciação na obra, é apresentado por meio do *ethos* de Tari Januária. Nesse ponto, há uma polifonia na qual a personagem feminina reproduz o discurso masculino institucionalizado nessa cultura como pode ser evidenciado no seguinte fragmento no qual a índia recorda características do marido “Homem da selva, Pedro Cobra, homem calado. Bom, trabalhador e de muita coragem” (Adonias Filho, 1977:20). O *ethos* de Pedro Cobra funciona como modelo de virilidade para Tonho Beré, mas só adquire forma por meio do *ethos* da índia. Com isso, Tari Januária, ao dar a ordem ao filho que busque os ossos do pai Pedro “- Eu quero os ossos! Vá Tonho Beré, calcule o terreno [...] - Vamos ver se trazemos os ossos do seu pai!” (Adonias Filho, 1977: 2). Coloca-se na posição do sujeito que está habilitado a realizar o discurso, cabendo a Tonho Beré (interlocutor) a condição de obedecer. Os atos enunciativos revelam convenções que demonstram institucionalmente as relações entre os sujeitos, Tari Januária, ao dar a ordem realiza um ritual social da linguagem partilhado pelos sujeitos da enunciação, Foucault (1997), deixa claro que a ritualização integra-se ao direito privilegiado do sujeito que fala. Nesse contexto, o processo de iniciação de Tonho Beré é começado a partir da ordem dada pela mãe a qual exige os ossos do pai. Desse modo, os enunciados da mãe fornecem pressuposto para a construção do discurso do filho “- Estou velha, cada vez mais velha, não demoro a morrer. E por isso, quero os ossos. – mas, para quê? – Ele insistira” (Adonias Filho, 1977: p.2).

A formação discursiva de Tari Januária confere “corporalidade” a uma perspectiva que atinge o gênero masculino a partir da década de 70 o qual é ameaçado pela crítica feminista que associa “macho = mal”. Dessa maneira, a dissolução das normas patriarcais surge como consequência dessa tendência à mutilação da identidade do homem, pois, a figura paterna perderia a sua supremacia social com isso, é observada a falta de virilidade em muitos homens educados pela mãe e órfãos de pai. Corneau *apud* Badinter (1993) evidencia que “A ausência do pai produz um complexo paterno negativo, que consiste na falta de estruturas internas” (Corneau *apud* Badinter: 154), o homem com isso vive uma desordem interna a qual reflete a recusa de sua identidade. A desvalorização da identidade masculina é realizada a partir da ruptura do conceito de hegemonia do gênero masculino. É evidente que os aspectos hegemônicos correspondem a um modelo ideal culturalmente estabelecido de masculinidade. Na obra *As Velhas*, o padrão masculino é estabelecido por meio do uso da violência a exemplo surge o processo de zoomorfização do homem: “Machos brutos como porcos-do-mato na raiva” (Adonias Filho, 1977:40-41). Além disso,

o rifle torna-se um complemento ao ideal de virilidade, pois acompanha a figura masculina por toda a obra. Dessa maneira, o homem do discurso adoniano se utiliza desse aparato como meio de se autoafirmar como macho detentor de poder e hegemonia.

II- Considerações Finais

A perspectiva da identidade masculina na narrativa *As Velhas* tem como principal contribuinte a elaboração de um discurso que visa abordar arquétipos sociais comuns nos quais estão intrínsecos os valores de virilidade. *As velhas* exemplificam, através de uma sociedade matriarcal, a construção social do indivíduo masculino, esse efeito é proporcionado por meio da memória das agentes femininas que estabelecem padrões de comportamento e valores a serem mantidos pelos homens dessa cultura. Assim, as matriarcas reproduzem em um movimento simultâneo os valores tradicionais masculinos, mas desautorizam os mesmo da condição hegemônica tendo em vista que adquirem representação frente as suas famílias.

Nesse sentido, ao adotarmos um ponto de vista histórico na análise do discurso é observado o rompimento do modelo tradicional de masculinidade. Ademais, o processo de iniciação proposto à personagem Tonho Beré projeta o discurso adoniano na pós-modernidade, já que evidencia o processo de fragmentação da identidade do homem que se empenha no desbravamento da mata em busca de se auto-afirmar em seu território e em quanto macho. Logo, é observado o desconstrucionismo com relação ao gênero já que, os homens constroem sua identidade dentro de famílias governadas por mulheres. Assim, na obra *As Velhas*, os agentes masculinos são modulados pela memória discursiva das agentes femininas. Por outro lado, as formações ideológicas discursivas das mesmas estão apoiadas na vontade de verdade circulantes na sociedade. Com isso, ao mesmo tempo em que os agentes masculinos recebem valores tradicionais vêem que esses não possuem total rigidez, pois já permitem certa liderança feminina.

Referências Bibliográficas

ARÁN, Márcia. “Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea”. In: Revista Estudos Feministas, 11 (2). Florianópolis: UFSC, 2003. pp. 399-422.

ARAÚJO, Vera Lúcia Romariz Correia de. *Palavras de deuses, memória de homens: diálogo de culturas na ficção de Adonias Filho*. Maceió: EDUFAL, 1999.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. de Maria Inês Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BLY, Robert. *João de Ferro: um livro sobre homens*. 8. ed. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

CARDOSO, João Batista. *Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade em Adonias Filho, Euclides Neto, James Amado, Jorge Amado*. Ilhéus: Editus, 2006.

FILHO, Adonias. *As Velhas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MONTEIRO, Marko. *O pós-estruturalismo no estudo do gênero*. <http://www.artnet.com.br/~marko/laymert>. Acessado em: 15/08/ 2008.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Ed. UFMG/ IUPERJ, 2004.

RICO, Javier Alatorre. *Masculinidad y Clase*. <http://www.topia.com.ar/articulos/0611-masculinidad-y-clase>. Acessado em: 15/08/2008.

SANTANA, Gisane Souza. *A Representação Identitária Sul-Baiana em As Velhas de Adonias Filho*.

<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/GISANE%20SOUZA%20SANTANA>.

Acessado em 15/09/2008.

SACRAMENTO, Sandra M. P do. *Representação feminina e memória em As velhas de Adonias Filho*. <http://www.uesc.br/projetos/coisasdogenero/representacaoofem.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2008.